

## FORMAÇÃO NO ÂMBITO DA PORBASE

Rosa Maria Galvão\*

Maria Luisa Santos\*

A PORBASE, enquanto recurso colectivo, materializa a ideia de cooperação como forma de optimização da capacidade das bibliotecas. A formação é essencial se quisermos que os utilizadores, nos quais nós, técnicos da informação, nos englobamos como utilizadores intermédios, saibam tirar o maior partido dos sistemas de informação e estejam capacitados do seu papel quando chamados a contribuir para a evolução dos mesmos. A experiência dos cursos de catalogação em UNIMARC e de Mini-Micro CDS/ISIS ministrados pela Biblioteca Nacional permite já avaliar alguns resultados da formação que é dada no âmbito da PORBASE, verificar os tipos de instituições que têm ocorrido à formação e a sua distribuição geográfica e, também, reconhecer as necessidades das bibliotecas que já aderiram ou se apresentam como potenciais aderentes à Base Nacional de Dados Bibliográficos. Com base nesta experiência é possível perspectivar novas acções de formação, que possam conduzir a uma maior operacionalidade e a um aumento do nível de qualidade da informação disponível na PORBASE.

\*Biblioteca Nacional

## FORMAÇÃO NO ÂMBITO DA PORBASE

A PORBASE, enquanto recurso colectivo, materializa a ideia de cooperação como forma de optimização da capacidade das bibliotecas. Para que a PORBASE aumente a sua eficácia e possa crescer, aumentando o número de bibliotecas que a carregam em diferido ou através da catalogação em linha, é fundamental a formação dos técnicos dos serviços que a ela aderem, formação essa que deve fornecer-lhes os dados essenciais para o conhecimento e utilização do formato UNIMARC e, também, do programa Mini-Micro CDS/ISIS, instrumentos fundamentais na constituição de bases locais ou na colaboração na base nacional.

O ritmo acelerado das mutações tecnológicas ligadas a um melhoramento constante do saber, quer na generalidade, quer no domínio técnico e científico, faz com que sejamos impelidos a integrar cada vez mais a informação como meio para agir melhor e mais eficazmente.

Esta necessidade não só é sentida junto dos investigadores, por vezes compelidos a utilizar técnicas mais avançadas, mas também junto daqueles que exercem trabalhos de carácter executório. Quer uns quer outros devem manter os seus conhecimentos actualizados, reciclando-se permanentemente.

Com as novas tecnologias ao nosso dispor, como aceder à informação armazenada na memória dos computadores? Como alimentar essas memórias? Como interrogar o computador de modo a que os dados obtidos constituam a resposta pertinente à questão colocada?

A obtenção destas e de outras respostas passam por um programa de formação porque, se não é indispensável para o utilizador da informação, seja este final ou intermédio, conhecer a fundo as técnicas informáticas de criação e gestão de uma base de dados para saber carregar ou extrair dados, é indispensável no entanto que todos aqueles que têm ou venham a ter um papel na criação e actualização de sistemas de informação possuam um conhecimento sólido sobre a sua forma de funcionamento e de utilização, e estejam capacitados do seu papel quando chamados a contribuir para a evolução dos mesmos.

A informação fornecida ao computador reveste-se de características muito próprias, na medida em que a máquina é usada para interpretar uma linguagem que não pode ser pronunciada, transmitida ou recebida directamente pelo homem, pelo que a utilização de um terminal pode trazer várias motivações para além da introdução de dados e da pesquisa documental. Muitos procuram-no não para responder a uma necessidade imediata de informação mas para se iniciarem na informática, procurando aprender o mais possível de operações e descobrir o funcionamento

do teclado. Outros pensam estar numa situação de conversação com uma máquina inteligente que vai adaptar os seus dados e/ou a sua pergunta, num sistema de compreensão mútua em que a máquina deveria compreender não a palavra, mas o seu sentido.

Estes e outros problemas levam por vezes a frases do tipo "Este leitor não faz a mínima ideia do tipo de informação que pretende" ou então "e agora o que faço? Não entendo a mensagem de erro do ecran".

Normalmente os utilizadores não conhecem a estrutura nem as normas que presidiram ao carregamento dos dados, e embora, na maioria dos casos, saibam o que pretendem, nem sempre conseguem transmitir as suas necessidades e/ou nem sempre têm um conhecimento realista daquilo que o seu centro de informação ou biblioteca lhe pode de facto fornecer.

Compete portanto ao profissional de informação ter a preparação suficiente para desempenhar um papel mediador entre a informação armazenada e os seus utilizadores, ajudando-os a definir o problema, orientando-os no sentido de os introduzirem na generalidade das técnicas em uso na biblioteca ou centro de documentação, de modo a que eles próprios possam vir a fazer uso das fontes de informação existentes, e esclarecendo-os sobre os serviços a que podem recorrer.

É importante termos em mente que a informatização trouxe mudanças nos processos de trabalho, criando um novo compreender do acesso à informação e aos seus requisitos. Para o utilizador, a qualidade de uma base de dados assenta basicamente em duas componentes:

- 1 - A qualidade do serviço prestado.
- 2 - A qualidade da informação.

1. Para satisfazer a qualidade do serviço prestado, os profissionais responsáveis pela gestão, carregamento, actualização e recuperação dos

dados têm de possuir formação que lhes possibilite terem conhecimentos sólidos sobre a capacidade da base de dados - o seu conteúdo e organização; serem capazes de proceder ao seu carregamento e segurança; saberem utilizar os comandos de pesquisa conhecendo a linguagem utilizada; efectuarem pesquisas várias; saberem interpretar os pedidos de informação, definindo os termos de pesquisa em colaboração com o utilizador; elaborarem a construção lógica de uma expressão de pesquisa usando os operadores Booleanos, de modo a atingirem os resultados pretendidos; terem a capacidade de comparar e avaliar o uso de diferentes bases de dados e do sistema de informação; assegurarem que sejam facultadas e utilizadas as fontes mais adequadas às necessidades de informação do utilizador para que ele próprio as possa satisfazer; estabelecerem a ponte entre o assunto requerido e a disponibilidade dos recursos da biblioteca; formararem os utilizadores de modo a que eles sejam capazes de fazer o maior uso possível dos recursos do sistema biblioteconómico local e nacional; e por último, mas não menos importante, desenvolverem a sua actividade com profissionalismo de modo a que os utilizadores tenham confiança nos seus serviços e no papel por eles desempenhado.

2. Para satisfazer a qualidade de informação o técnico deve ser conhecedor das operações biblioteconómicas que lhe permitam tratar e carregar os dados de forma normalizada, de modo a que possam constituir uma base consistente e coerente.

A credibilidade de uma base depende da qualidade de informação que detém e esta qualidade deve resultar da cooperação entre todos os seus membros. Torna-se necessário, portanto, adoptar critérios normalizados e uniformes, pois são eles os fundamentos da consistência, da qualidade e, por conseguinte, da credibilidade.

é neste ponto que surge, com grande acuidade, a questão da formação.

Qualquer programa de formação tem de ser operacional. O estabelecimento de objectivos é tarefa prioritária, resultando daí a elaboração de programas, o delinear de actividades e meios para atingir os objectivos propostos, sejam eles operacionais ou terminais.

Os candidatos às acções de formação deverão, pois, obedecer a um determinado perfil, por forma a que aquelas se processem de uma forma eficiente e não constituam uma abordagem demasiado avançada para alguns e demasiado básica para outros. Os processos de selecção de candidatos são, pois, momentos fundamentais dos cursos de formação, permitindo agrupar os futuros formandos de acordo com certos pré-requisitos e fornecendo aos formadores indicadores fundamentais para a preparação dos meios necessários à concretização destas.

A experiência dos cursos de catalogação em UNIMARC e de Mini-Micro CDS/ISIS ministrados pela Biblioteca Nacional tem demonstrado a importância da selecção de formandos, propiciadora de cursos de "iniciação" e "avançados". No acto de inscrição é fundamental a indicação correcta dos conhecimentos que o candidato efectivamente possui, pois estar a dar formação em UNIMARC a quem nunca ouviu falar da ISBD ou das Regras Portuguesas de Catalogação, ou explicar as possibilidades que o Bloco de Assuntos (6--) oferece à indexação pré-coordenada ou à pós-coordenada a quem desconhece o que é indexar um documento é, certamente, tempo perdido, que o formando poderia ter aplicado na aquisição de noções básicas da Biblioteconomia, que lhe permitiriam compreender melhor as técnicas documentais e a própria necessidade de normalização e uniformização de procedimentos.

A formação é, pois, fundamental para um eficaz funcionamento da PORBASE, permitindo a aferição de critérios normativos comuns no tratamento das espécies documentais, essencial à correcta recuperação da informação contida na base de dados. Consciente dessa importância e reconhecendo algumas dificuldades surgidas no decurso de três anos de cursos UNIMARC e Mini-Micro, a BN resolveu lançar, no corrente ano, um novo tipo de programa formativo, com o objectivo de fornecer, a quem trabalha em bibliotecas que pretendem, de alguma forma, aderir à PORBASE (ou que a ela já aderiram) e não possui qualquer formação biblioteconómica, algumas noções básicas das técnicas documentais que possam, de certa forma, ser suporte dos cursos até agora em vigor. Estes cursos não pretendem, de forma alguma, substituir-se aos cursos de formação profissional específica e oficialmente aprovados, procurando antes suprir uma lacuna que foi sentida pela generalidade dos formadores ao longo destes três anos de experiência e que consiste na falta de noções básicas por parte de alguns formandos, o que por vezes cria uma certa dificuldade em atingir os objectivos a que os cursos se propõem.

Outras acções, como o seminário realizado no passado mês de Maio sobre o acesso por assuntos na PORBASE e outros cursos que estão previstos, nomeadamente sobre o SIPORBASE, assim como as acções específicas sobre o BPS, são contributos para uma maior racionalização e melhor utilização dos recursos disponíveis por parte das bibliotecas interessadas na cooperação.

Pela análise dos quadros e gráficos em anexo, podemos tirar algumas ilações sobre o tipo de instituições que aderiram aos cursos de Mini-Micro CDS/ISIS e de UNIMARC, assim como a sua localização geográfica.

Em ambos os cursos se nota uma grande percentagem de participação por

parte dos serviços de documentação dos vários Ministérios (74% nos cursos UNIMARC e 74,4% nos de Mini-Micro). As instituições (oficiais e privadas) vocacionadas para a educação e cultura constituem o grupo mais representado, com 36,1% do total em relação aos cursos UNIMARC 38,4% em relação aos cursos de Mini-Micro. As autarquias representam, em relação à globalidade, 11,1% nos cursos UNIMARC e 8,5% nos cursos de Mini-Micro.

Em relação à distribuição geográfica, verifica-se uma grande incidência na área de Lisboa (com 75,2% do total nos cursos UNIMARC e 75,8% nos de Mini-Micro), o que está em consonância com o grande peso dos organismos oficiais, sediados na capital.

O esforço que a Biblioteca Nacional tem desenvolvido, desde finais de 1988, no sentido de dar formação no âmbito da PORBASE, revela-se não só pelo aumento gradual do número de cursos, que é notório no corrente ano de 1991, como também pelas várias acções de reciclagem realizadas em 1990, destinadas à divulgação da versão PORBASE 3.0 junto das instituições a trabalhar com Mini-Micro.

Espera-se que as futuras acções de formação a desenvolver no âmbito da PORBASE venham a constituir um eficaz complemento dos cursos até agora ministrados, contribuindo para que se atinjam níveis de qualidade cada vez mais elevados.



## METODOLOGIA APLICADA

O trabalho estatístico foi realizado sobre a totalidade da população, devido à sua pequena dimensão.

Os dados foram agrupados em função dos cursos ministrados e utilizando três critérios:

1. O critério regional - baseado nas divisões: Lisboa, Norte, Centro, Sul, Madeira, Açores, Macau e Países Africanos de Expressão Portuguesa (designados por PALOP) - por nos parecer a melhor forma para agrupar, à escala nacional, os dados obtidos.

2. O critério por instituição: Autarquias e Bibliotecas Públicas; Bibliotecas Nacionais; Museus estatais; outras instituições oficiais; Estabelecimentos de Ensino Superior, englobando Escolas Superiores, Universidades e Institutos Politécnicos; Escolas do Ensino Básico e Secundário; Empresas; Instituições particulares; Instituições sindicais.

3. O critério de número total de participantes por tipo de instituição - instituições oficiais; autarquias locais; entidades bancárias; empresas públicas; instituições privadas de educação e cultura; associações técnico-profissionais; empresas privadas.

**A N E X O S**

## CURSO UNIMARC (Nov. 1988 - Maio 1991)

ANO	LISBOA	NORTE	CENTRO	S U L	MADEIRA	AÇORES	HACAU	FALOP	TOTAL
1988	12	3	1	1	-	1	-	-	18
1989	43	3	2	3	-	-	-	1	52
1990	26	2	3	2	1	1	-	2	37
1991	37	3	3	5	-	2	-	-	50
TOTAL	118	11	9	11	1	4	3	-	157

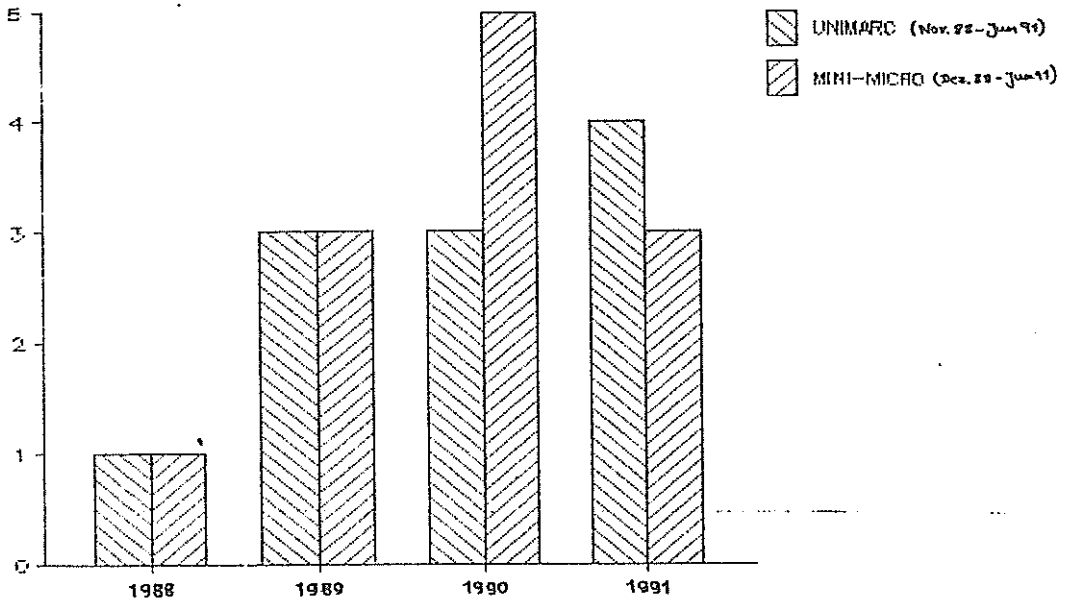
## CURSO MINI-MICRO (Dez. 1988 - Jun. 1991)

ANO	LISBOA	NORTE	CENTRO	S U L	MADEIRA	AÇORES	HACAU	FALOP	TOTAL
1988	12	4	3	2	-	-	-	-	21
1989	28	4	1	3	-	-	1	-	37
1990	58	7	7	2	1	1	-	1	77
1991	40	2	2	1	-	2	-	-	47
TOTAL	138	17	13	8	1	3	1	1	182

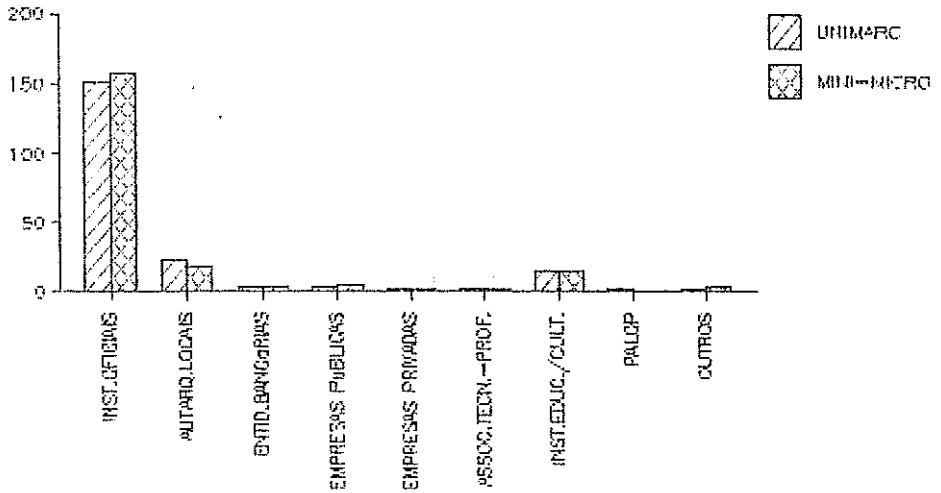
	CURSO UNIMARC (Nov. 1988 - Maio 1991)					CURSO MINI-MICRO (Dez. 1988 - Jun. 1991)				
	1988	1989	1990	1991	TOTAL	1988	1989	1990	1991	TOTAL
AUTARQUIAS/BIBLIOTECAS PÚBLICAS	1	7	4	8	20	4	3	4	6	17
BIBLIOTECAS NACIONAIS	-	2	1*	1	4	-	1	3*	2	6
MUSEUS ESTATAIS	-	2	-	-	2	1	2	-	-	3
OUTRAS INSTITUIÇÕES OFICIAIS	12	27	18	20	77	5	18	45	25	93
ESCOLAS SUPERIORES/ UNIVERSIDADES	5	11	5	10	31	10	10	15	7	42
ESCOLAS DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO	-	1	-	1	2	-	-	-	1	1
EMPRESAS	-	1	2	6	9	1	1	3	2	7
OUTRAS INSTITUIÇÕES PARTICULARES	-	1	7	3	11	-	2	7	4	13
INSTITUIÇÕES SINDICAIS	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-
T O T A I S . . . .	18	52	37	50	157	21	37	77	47	182

\* Houve 1 participação da Biblioteca Nacional de Cabo Verde

## CURSOS

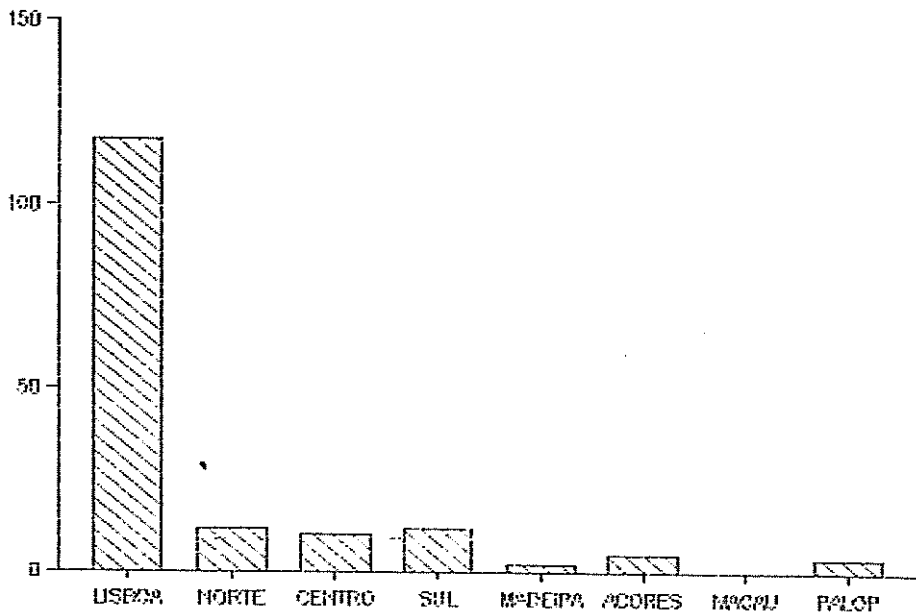


## CURSOS / PARTICIPANTES



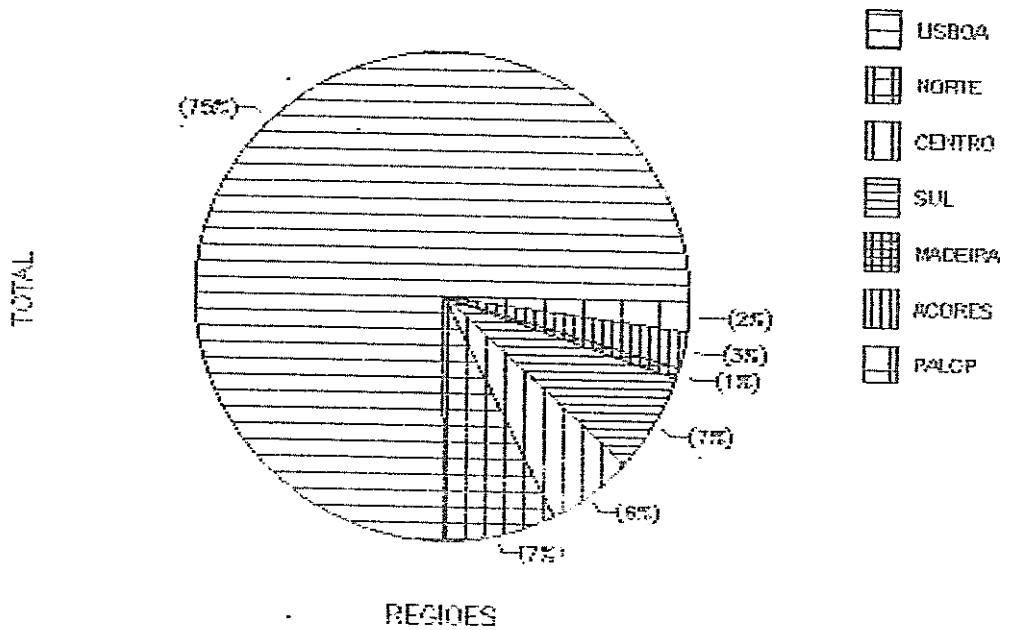
# UNIMARC (NOV.88-MAIO 91)

## REGIOES



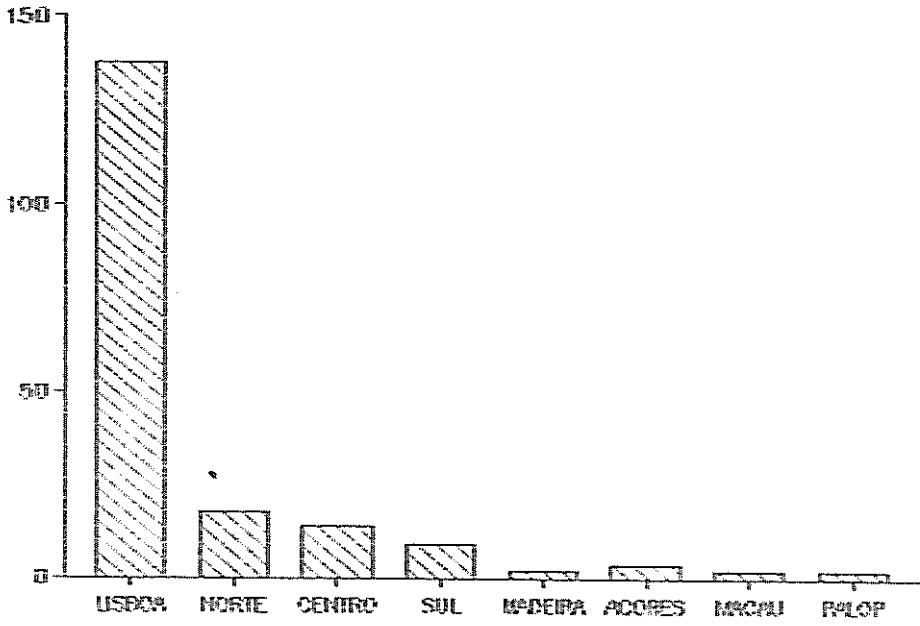
# UNIMARC

## (NOV.88-MAIO 91)

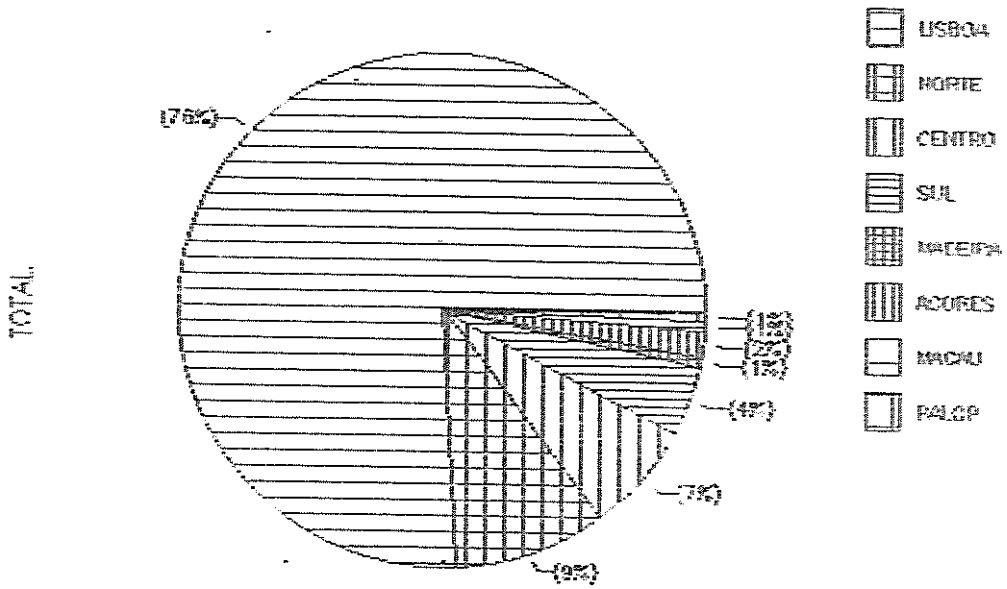


# MINI-MICRO (DEZ.88-JUN.91)

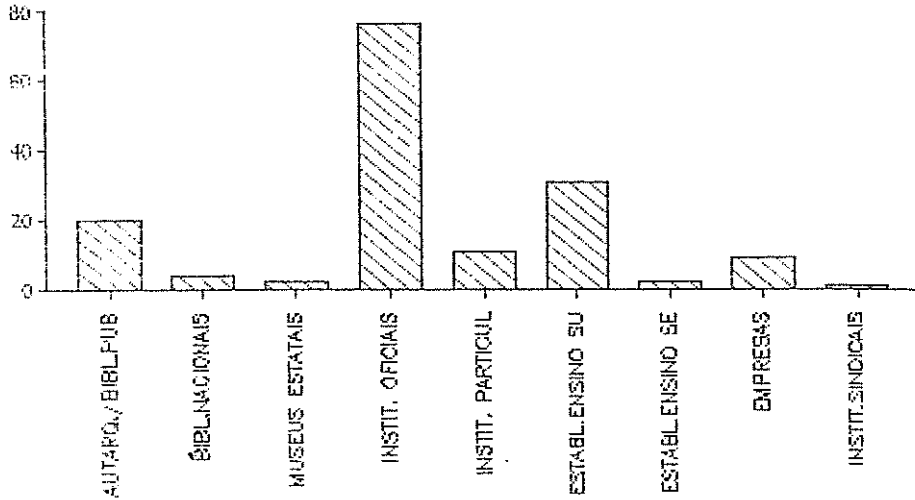
## REGIOES



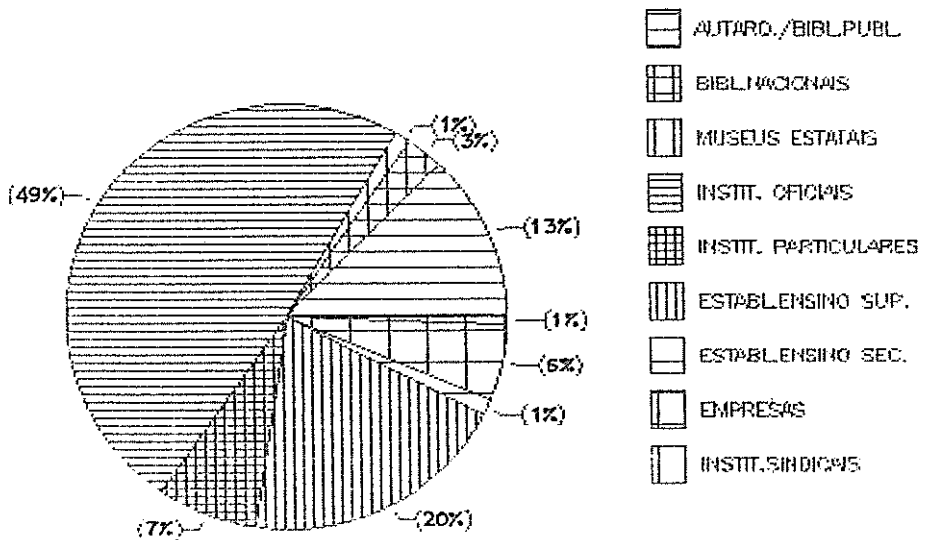
# MINI-MICRO (DEZ.88-JUN.91)



UNIMARC (NOV.88-MAIO 91)  
INSTITUICOES



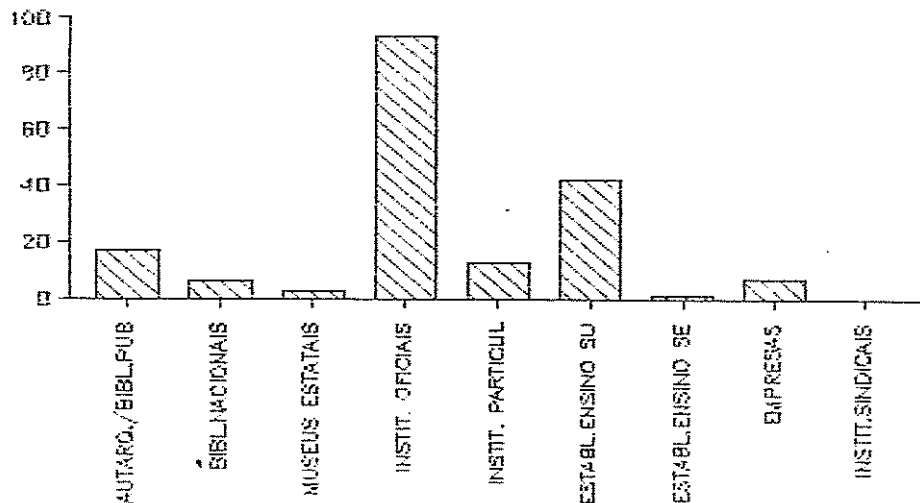
UNIMARC (NOV.88-MAIO 91)  
INSTITUICOES





# MINI-MICRO (DEZ.88-JUN.91)

## INSTITUICOES



## INSTITUICOES

